

Efeito " Rodrigo Hilbert": a super-capitalização da mão-de-obra masculina.

Carolina Brito, Ana L Chies-Santos e Marcia C. Barbosa

Marcia está sentada em um café do aeroporto Santos Dumont. Enquanto saboreia um expresso duplo antes da reunião de trabalho, ouve as conversas dos jovens profissionais que usam este café descolado como ponto de encontro antes de ir fazer entrevista de emprego ou fechar negócios. As mulheres, muitas delas jovens mães, chegam meio esbaforidas e cansadas e entram sem preliminares no tema de trabalho. Marcia pensa na rotina de algumas de suas colegas para entender a razão deste cansaço.

Fernanda acorda cedo e prepara o café da manhã para o marido, que gosta de ficar um pouco mais na cama. Ela organiza os 3 filhos para a escola, pensa no que terão para o almoço e jantar, quem vai cuidar deles enquanto fazem os temas de casa. Neste início de ano letivo, ela negociou com o chefe de departamento seus horários de aula para não atrapalhar o horário em que ela terá que fazer a adaptação do filho mais novo na escola. Seu marido, professor no mesmo departamento, não teve a mesma preocupação. Beatriz não tem filhos, mas é ela quem cuida da mãe e da sogra idosas, marca consultas médicas, providencia os remédios, alimentação e o cotidiano das contas, tudo isto antes de ir para o instituto de pesquisa dar uma aula, participar de uma reunião ou sentar para escrever um artigo.

As rotinas descritas acima não são notícia na TV ou em revistas, mas são uma realidade estatística: dados do IBGE de 2018 mostram que as mulheres trabalham cerca do dobro do tempo em afazeres domésticos que os homens [1]. Pesquisas do projeto Parent in Science escancaram que metade das acadêmicas brasileiras cuidam sozinhas dos filhos, sem ajuda de ninguém [2]. Um estudo mostra que há uma diferença salarial enorme entre homens e mulheres com filhos em diversos países [3] e que a mesma não existe se compararmos homens com e sem filhos. A paternidade tem zero impacto na ascensão dos homens na carreira [4].

O trabalho doméstico, embora não contabilizado no PIB porque não é remunerado, custa caro. Por exemplo em famílias onde ambos os pais trabalham fora, é preciso contratar uma pessoa – frequentemente uma mulher – para cuidar das crianças ou pagar uma creche e aí se percebe que o trabalho antes realizado pela mãe agora custa dinheiro. Um relatório produzido pela OXFAM em janeiro deste ano e intitulado “Tempo de Cuidar” mostra que as mulheres são responsáveis por mais de três quartos do trabalho não remunerado no mundo. Eles estimam que este tipo de trabalho prestado por mulheres acima de 15 anos no mundo valeria pelo menos 10,8 trilhões de dólares anuais, o que significa três vezes mais do que é gerado pelo mercado de tecnologia [5]

Marcia, ainda sentada confortavelmente no café, observa que os homens que chegam para as entrevistas parecem relaxados. Quando chegam atrasados dizem que estavam trocando as fraldas da bebê ou molhando a hortinha de temperos, afinal “millenium” tem que ter horta na cozinha. A reação do futuro empregador ou parceiro de negócios é de aprovação, quando a chefe é mulher chega a haver um encantamento.

Este encantamento pelo homem fazendo atividades domésticas ou de cuidado dos filhos não é prerrogativa da geração Y e vai além de conseguir vantagens profissionais. Jeferson, um professor já bem estabelecido, leva seu filho e três amigos ao maior parque em Porto Alegre para que as crianças cacem Pokemon. Ele observa que uma mulher o olha com profunda admiração. Joana acabara de dar à luz através de um exaustivo parto normal. Rodeada pela família, a obstetra elogia encantada a participação incansável do marido de Joana. Os homens transformaram a divisão do fazer familiar em vantagem: participar ativamente da vida familiar é sexy.

Esta vantagem profissional e pessoal é o que chamamos de “Efeito Rodrigo Hilbert”, a supercapitalização da mão-de-obra masculina. Quando as mulheres tentam se apropriar deste capital cultural, trazendo a questão familiar para a profissão, são acusadas de “mi, mi, mi”.

Esta não é uma crítica aos homens como o marido de Fernanda Lima que desempenham tarefas domésticas, mas uma reflexão sobre a midiaticização de uma pessoa do sexo masculino que realiza tais tarefas. Cozinhar, cuidar dos filhos e da casa é tarefa corriqueira para a maioria das mulheres do mundo e justamente pela banalização do ato isto não é notícia. Quando os homens exercem estas atividades trazem para eles um capital cultural o que é importante para a construção de uma sociedade mais diversa, mas somente se este capital puder ser igualmente apropriado pelas mulheres. Infelizmente este não é o caso.

Recentemente em um departamento da UFRGS com docentes em sua maioria homens foi sugerido que as mulheres que voltassem da licença maternidade tivessem sua carga de aulas reduzida e que evitassem dar aulas em cursos noturnos. Imediatamente o tema virou piada no departamento e nenhuma medida de apoio a estas docentes foi feita. Afinal, seriam os homens a assumir a carga docente adicional. Em outro departamento da mesma universidade, Joana tentou agendar uma reunião com um colega para 14:30h e escutou que ele não poderia porque regularmente teria que buscar a filha na escola neste horário. Para justificar o porquê de não poder participar da reunião, adicionou “tu achas cedo porque tu ainda não tens filhos”. Ela deveria entender e assumir a carga extra de organizar a reunião. Afinal, era uma mulher sem filhos. Outros colegas ao ouvir a história acharam justa a reivindicação. As solicitações nos dois departamentos tiveram reações totalmente distintas não devido às diferenças departamentais, mas de gênero.

As instituições devem abraçar a diversidade como instrumento de eficiência como bem ilustra o estudo da McKinsey [6] com regras que viabilizem o trabalho e a família, mas este processo será eficiente e duradouro se for feito de forma equânime abrangendo homens e mulheres.

[1] https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2416.pdf

[2] <http://www.if.ufrgs.br/~barbosa/gender-parent-in-science.pdf>

[3] <https://www.economist.com/graphic-detail/2019/01/28/how-big-is-the-wage-penalty-for-mothers>

[4] <https://www.nber.org/papers/w24219.pdf>

[5] <https://oxfam.org.br/justica-social-e-economica/forum-economico-de-davos/tempo-de-cuidar/>

[6] <https://assets.mckinsey.com/~media/857F440109AA4D13A54D9C496D86ED58.ashx>